

PANO PRA MANGA

Paulo de Araújo/CB



BRESSANE À FRENTE DA EQUIPE (ALESSANDRA NEGRINI DE LONGO, AO FUNDO): DIRETOR PEDE PACIÊNCIA À PLATÉIA

RICARDO DAEHN

DA EQUIPE DO CORREIO

“Uma coisa é ser amado. Outra coisa é ser o amado”, destaca nas telas o personagem Júlio César, no longa *Cleópatra*, um dos concorrentes do Festival de Cinema. Diretor do filme, Julio Bressane sabe dessa diferença, tanto que, há quatro anos, usou a mesma frase ao receber troféus na cidade, pela ficção *Filme de amor*. Tratando da Antiguidade, entretanto, os louros nunca chegam facilmente e Bressane foi precavido ao apresentar a produção, que veio com a seguinte bula do cineasta: “Tenham paciência e tolerem. O filme é pequeno, porque o tema da tirania é muito grande. Espero que sintam algum prazer em tudo isso”. Novata no tradicional evento brasileiro, Alessandra Negrini, no papel-título da rainha egípcia, contou a impressão de competir diante do exigente público local: “Dá um nervoso, mas o prazer de fazer o filme me completa: acho tudo bacana, tudo legal”.

Mais à vontade no debate de ontem, que discutiu a fita apresentada na noite de sexta-feira, a atriz – comparada até com a péssima Olímpia de Angelina Jolie no filme *Alexandre* (de Oliver Stone) – defendeu a interpretação para o mito universal. “Essa personagem foi um exercício de linguagem e, se as pessoas perceberem isso, já fico feliz. Foi uma colagem de várias outras Cleópatras que a gente conhece. Então, o kitsch faz parte do processo de criação. O sotaque que assumi foi uma representação, tinha que ter um estranhamento”, avaliou.

Ciente da falta de unanimidade dos próprios filmes, Bressane deu o polido recado para os detratores:

“Não tem como todo mundo gostar, seria muito chato. Para mim, a adesão de três pessoas já representa uma multidão. Acho importante até o esforço de não gostar. É uma atitude sagrada. Cinema direcionado para público é cinema para jerico”. Ainda sobre aspectos boçais do mercado cinematográfico, o diretor foi aplaudido ao comentar que “hoje não sabemos ler, ver e sentir. Não sabemos observar no momento em que estamos sentindo. Imbecilidade é triste, idiotice é natural”, disparou.

Mal dada a largada na projeção, com menos de 10 minutos, um casal já deixava a sala. Era o começo do conhecido efeito Bressane: ame-o ou deixe-o. Nunca em cima do muro, uma legião de espectadores quis ficar até o fim, nem que fosse para engrossar as vaías, abafadas pelos aplausos da concorrência. Alegando dores nas pernas, e sufocado pelos problemas com o mau funcionamento do ar-condicionado, o produtor Márcio Cury foi dos que não resistiram até o final. “Não me sinto em condição de opinar porque assisti a menos de um terço do longa. *Cleópatra* é o tipo de filme que exige boas condições para ser visto. O insuportável calor do cinema é algo que depõe contra o festival”, comentou Cury.

“Determinado, corajoso e ousado”, foi o veredicto do colega cineasta Sylvio Back, presente na platéia. Mesmo apegado à língua portuguesa – um dos elementos exaltados pelo filme, detido na dinastia incestuosa de Ptolomeu –, Back buscou o francês para tecer os elogios. “Disse para ele: ‘Toujours fidel. Sempre fiel a si mesmo’. É o grande mérito do Bressane”, contou. Na ala dos descontentes, o sociólogo Bernardo Jurema reproduzia o mantra de parte do público. “Não entendi o filme. Até tentei

seguir o conselho da tolerância, mas não consegui. Achei o filme brega e devagar. Quando estava virando quase uma comédia involuntária, para não ser desrespeitoso, preferi sair”, contou.

Humor cáustico

A precaução, porém, não alcançou os corredores, com as instantâneas piadas de anônimos. “Chanchada sem samba” esteve entre as definições ouvidas. Houve quem atacasse o esdrúxulo sotaque composto por Negrini para a rainha poliglota. Evitando cenas grandiosas, Bressane se concentra na gramática experimental da qual dispõe, com direito a uso de música nacional e à liberdade de tachar o general Marco Antônio (Bruno Garcia) de “guerreiro grosseirão”. Daí “um filme de risco” – como classificou o diretor de fotografia Walter Carvalho – inflamar tanto debate.

Ao longo das esperadas discussões, Carvalho observou o diferencial no entrosamento com Bressane. “Quando você faz um plano cinematográfico com ele, é uma utopia: depois de pronto, é uma evidência”, comentou. Balizado por referências pictóricas do rupestre ao Renascimento, o fotógrafo salientou a proposta de uma “releitura do mito, por meio de uma paleontologia tropical”. Ressaltando o aspecto “saúdavel” das críticas – e das vaías (“o elogio é o céu; a crítica, o inferno”, brincou), Carvalho validou a manifestação negativa. “É natural e importante que o espectador que não entende reaja. Buscamos com o filme abstração e reflexão. O problema é que não há mais espaço para a contemplação. Não há mais tempo para nada”, lamentou.

COLABORARAM
LÚCIO FLÁVIO E TIAGO FARIA